



A relação pedagógica: O que existe para lá da palavra?

Joana Manarte

Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/CIIE
joanamanarte@gmail.com
pdce11029@fpce.up.pt

Amélia Lopes

Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/CIIE
amelia@fpce.up.pt

Fátima Pereira

Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/CIIE
fpereira@fpce.up.pt

Quando comunicamos não estamos apenas a transmitir mensagens, mas também a enriquecer experiências, a perceber emoções e a desenvolver atitudes, valores, formas de estar com os outros e com o mundo, estamos a co-construir pessoas. Neste sentido dialógico e teleologicamente humano da educação, a comunicação é um aspecto central e transversal à sua dimensão formal, não-formal e informal. O contexto educativo é um espaço privilegiado de comunicação, nomeadamente de comunicação interpessoal. Este estudo debruça-se sobre a comunicação não-verbal na relação pedagógica, mediada pelo corpo na interação entre o professor e o aluno. Os sinais não-verbais moldam e indicam aspectos de relação, emoção, atitude. Vários estudos constatarem que há uma forte relação entre o comportamento comunicativo do docente e a motivação e desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos, lembrando o conceito de imediação como a percepção de proximidade física, afectiva e psicológica criada por comportamentos comunicativos positivos. O que pode estar para além da palavra do professor? Tratando-se de um objecto de estudo essencialmente humano, a abordagem adoptada será a metodologia narrativa, como forma de dar corpo a este objecto invisível que são as percepções e os sentimentos criados a partir das experiências de comunicação não-verbal na relação interpessoal. Numa primeira fase, serão realizados grupos de discussão focalizada com professores e alunos para levantamento dos tópicos a explorar naquela que será, posteriormente, a etapa empírica principal – os encontros narrativos (individuais) entre investigador e participantes. Os relatos resultantes serão alvo de uma análise conjunta, numa lógica de partilha e de co-construção da narrativa e do conhecimento. Espera-se que os relatos de professores e alunos sobre as suas vivências na relação educativa abram acesso à interpretação de recordações e experiências que nos ajudem a evidenciar e a compreender melhor os processos e efeitos da comunicação não-verbal nessa relação e, portanto, no desenvolvimento do aluno enquanto ser social, psicológico e humano.

Palavras-chave: comunicação não-verbal; relação pedagógica; imediação comunicativa

Introdução

Conceber a Educação como uma mera transferência de saber é negar o seu poder de transformação humana. A Educação é uma prática relacional, orientada para o desenvolvimento académico, cognitivo, afectivo, social, psicológico, cultural e humano. É através da Educação que o indivíduo cria uma ligação com o outro e com o mundo, pelo que as relações de comunicação interpessoal que se estabelecem no contexto educativo (formal, não-formal ou informal) têm uma importância fundamental quando a Educação é concebida como uma ferramenta de desenvolvimento humano.

A interacção é uma reacção recíproca através da qual o comportamento de um participante influencia o comportamento do outro. Pensemos agora, mais concretamente, na educação formal, em que as influências interpessoais são frequentemente desvalorizadas face aos métodos e aos conteúdos programáticos: no contexto pedagógico, a acção do professor afecta o aluno e o contrário também é verdadeiro; esta interacção não é uma abstracção, é uma acção que se concretiza no encontro entre professor e aluno, sendo importante assegurar condições físicas e espirituais favoráveis ao encontro pedagógico, circunstâncias facilitadas pelo diálogo, pela comunicação (Postic, 2008; Stonkuvienė, 2010).

Comunicação

A comunicação é um fenómeno multimodal, veiculado pela totalidade do corpo, através do canal verbal (comunicação digital) e do canal não-verbal (comunicação analógica), duas vias que se complementam na interacção face-a-face. A comunicação verbal é constituída por códigos representativos, em que os signos icónicos ou simbólicos (como as palavras escritas ou ditas) utilizados produzem um texto que é independente daquilo que representa e do seu codificador. A comunicação não-verbal realiza-se através de códigos apresentativos (como os gestos e a voz) que, sendo indiciais, não podem referir-se a algo independente deles mesmos e do seu codificador e indicam aspectos do emissor e da sua situação actual; são códigos que transmitem informação sobre o aqui e agora (Fiske, 2005; Watzlawick, Helmick e Jackson, 1921).

Watzlawick, Helmick e Jackson (1921) estabelecem que toda a comunicação tem conteúdo e relação, sendo estes aspectos assegurados complementarmente pela comunicação digital e pela comunicação analógica, respectivamente. A comunicação não-verbal tem então a função de transmitir informação indicial - veicula informações sobre o emissor e a sua situação, como a identidade, emoções, atitudes, posição social; mas tem também a função de gestão da interacção, na medida em que os códigos não-verbais permitem-nos definir o tipo de relação que queremos ter com o outro, controlar os turnos de participação, entre outros elementos da interacção, passando assim informação sobre a relação (Fiske, 2005; Watzlawick, 1921).

Comunicação pedagógica

No panorama sociopolítico actual, a escola é frequentemente vista do prisma do resultado e não tanto da vivência e dos processos relacionais. Quando a escola é tida como uma entidade cultural, espiritual e organizacional, evidencia-se a questão da



formação holística do indivíduo e a necessidade de reflectir sobre a comunicação, neste âmbito designada de comunicação pedagógica. O conhecimento sobre a interacção pedagógica é ainda escasso e o foco de reflexão do professor tem sido baseado, sobretudo, no conhecimento de uma determinada temática, sendo insuficiente a atenção dedicada à questão da comunicação pedagógica (Stonkuvienè, 2010). Já em 1995, Jovaisa (citado por Stonkuvienè, 2010) publicara um trabalho em que reforça a opinião de que há medidas pedagógicas que podem contribuir para resolver muitos problemas de ordem social e humana, destacando a optimização da comunicação no ensino como um factor central para o desenvolvimento das várias dimensões do ser humano.

Imediação comunicativa

A qualidade das relações interpessoais é importante para o desenvolvimento da reacção emocional que desenvolvemos não só para com as pessoas, mas também em relação ao contexto que lhes está associado. Aplicando esta ideia ao contexto pedagógico, percebe-se que os alunos criam reacções emocionais positivas/negativas em relação à aprendizagem, em função do comportamento do professor e dos colegas, entre outros aspectos. A percepção que o aluno tem do docente é construída pela análise (intuitiva) dos seus actos comunicativos, pela preponderância de certos comportamentos; o aluno vai tendo experiências de satisfação/insatisfação associadas àquele interlocutor, apresentando também respostas emocionais de aceitação ou rejeição da aprendizagem. Os professores que têm uma comunicação mais efectiva com os seus alunos podem criar um ambiente mais agradável ou amigoso, em que estes sintam suporte emocional (Postic, 2008; Titsworth *et al*, 2010).

Entenda-se, pois, que comunicação, emoção e aprendizagem são fenómenos altamente interligados (Titsworth *et al*, 2010). Faz sentido convocar aqui o conceito de imediação (*immediacy*), tantas vezes desenvolvido por Mehrabian, e que tem encontrado várias definições ao longo do tempo, embora todas elas acabem por assentar na percepção de proximidade criada por comportamentos comunicativos positivos – na relação pedagógica, refere-se especificamente à comunicação entre professores e alunos. Para o estabelecimento de uma relação positiva, efectiva e afectiva entre professor e aluno, a componente não-verbal da comunicação é tão ou mais importante do que a componente verbal. Diferentes autores esclarecem esta ideia, explicando que a principal função do comportamento verbal do professor é fornecer conteúdo para desenvolvimento da aprendizagem cognitiva dos alunos; já a função primária do comportamento não-verbal do professor é desenvolver nos alunos (e com os alunos) prazer e interesse pela matéria em estudo, pelo professor e pela turma e aumentar a motivação para uma aprendizagem contínua. Acrescentam ainda um aspecto a não esquecer: a importância de construir uma relação afectiva (positiva) entre professor e aluno, conseguida através de uma comunicação efectiva, que traduza atitudes positivas e de proximidade/intimidade. Releve-se que a aprendizagem no plano afectivo é tão importante que, ao contribuir para a motivação do aluno, é um catalisador da aprendizagem cognitiva (Richmond, 2002; Goodboy *et al*, 2009; Sibii, 2010; Postic, 2008; Allen *et al*, 2006).

Fiske (2005) afirma explicitamente que “o corpo humano é o principal transmissor de códigos representativos” (p. 96), tais como o olhar, os gestos, a voz, os movimentos de cabeça, o toque, entre outros. No contexto pedagógico, podemos pensar que são as percepções dos alunos sobre os comportamentos comunicativos do professor,



mediados através do corpo, que nos fala sobre a qualidade e a efectividade da comunicação (Richmond, 2002).

O professor que é próximo dos seus alunos será, provavelmente, um melhor professor do que aquele que se distancia deles social, emocional e psicologicamente (Sibii, 2010). Na interacção professor-aluno, vários autores estudaram a imediação do professor (maioritariamente, através de estudos quantitativos) e comprovaram os seus efeitos na relação pedagógica, destacando a forte influência da comunicação não-verbal na proximidade ou evitamento interpessoal, na memorização da informação e na aprendizagem cognitiva e afectiva (Sibii, 2010; Stonkuvienè, 2010; Velez e Cano, 2008; Hsu, 2010; Richmond, 2002). Contudo, não são conhecidos estudos realizados à luz da metodologia narrativa, a partir da voz dos próprios interlocutores (professores e alunos) sobre esta matéria. Que percepções têm e o que sentem perante os comportamentos comunicativos do outro, no âmbito da relação pedagógica?

Metodologia narrativa

Freire (1983) diz-nos que “as coisas não se comunicam, não contam a sua história. Não é isto o que se passa com os homens, que são seres históricos, capazes de autobiografar-se” (p. 33). De facto, as nossas vivências são organizadas sob a forma de narrativas, num perpétuo movimento de experiências, memórias e interpretações. Sendo inerente à acção humana, na narrativa representamos e compreendemos a experiência, conferindo sentido ao vivido.

As etapas empíricas deste projecto de investigação dividem-se em dois momentos: grupo de discussão focalizada e entrevistas narrativas (ou encontros narrativos). Contudo, Clandinin e Connelly (2011) incentivam o investigador a escrever a sua própria narrativa como forma de lançar a problematização da temática e de iluminar o caminho empírico a percorrer. Penso que o que nos propõem é também um exercício de transformação ou esclarecimento identitário, levando-nos a reconfigurar a figura do investigador “impermeável” para o investigador que se descobre, sente, mistura e humaniza ao contar a sua própria experiência. Assim, decidiu-se acrescentar uma etapa prévia: a autonarrativa da investigadora, baseada em relatos das suas experiências de relação pedagógica, no âmbito da imediação comunicativa na relação pedagógica.

Algumas considerações sobre a experiência da autonarrativa

Falar de experiências vividas implica ter em conta a temporalidade, a historicidade, a memória e a aprendizagem, sendo a reflexão retrospectiva das experiências um processo activo de (co)construção de significados (Clandinin e Connelly, 2011; Lopes, 2011; Torregrosa, 2011; Molina, 2011). Analisar narrativas é um exercício de busca de coerência e de sentido nas histórias que nos são contadas.

Fazendo uma primeira análise dos relatos da investigadora, constata-se que a descrição da maior parte das memórias dos elementos não-verbais da relação pedagógica é indissociável da adjectivação desses mesmos comportamentos. Ora, sendo a adjectivação um acto de qualificação subjectiva, parece sobressair aqui a relação entre a percepção do não-verbal e o sentimento que lhe está associado.



Outro aspecto curioso são as expressões de incerteza que aparecem no discurso, como em “*não tenho a certeza se me acariciava o cabelo (...) mas tenho quase a certeza que sim*” ou em “*tenho ideia de sentir que ele falava para todos*”. As recordações são vagas e há uma dificuldade em aceder factualmente aos episódios passados e o que parece levantar um pouco o véu à história é a sensação e/ou sentimento desencadeado na altura, sugerindo que a memória emocional e afectiva permaneceu, sendo esta, talvez, um dos pilares para o acto de narrar.

A construção e a análise desta autonarrativa vêm reforçar a interinfluência entre a comunicação não-verbal e as emoções. Damásio (2012) escreve que

o diagnóstico das emoções de fundo depende de manifestações subtis tais como o perfil dos movimentos dos membros ou do corpo inteiro – a força desses movimentos, a sua precisão, a sua frequência e amplitude – bem como de expressões faciais. No que respeita à linguagem, aquilo que mais conta para as emoções de fundo não são as palavras propriamente ditas nem o seu significado, mas sim a música da voz, as cadências do discurso, a prosódia. (p. 58)

Estas emoções de fundo referem-se à energia e entusiasmo que cada um de nós tem e transmite em diferentes graus. A leitura destas emoções de fundo é feita no corpo do outro e diz Damásio que quem consegue “diagnosticar” mal-estar, ansiedade, entusiasmo, e por aí adiante, em alguém que ainda nem articulou uma palavra, então é um “excelente leitor de emoções de fundo”. A atenção aos pormenores de um professor é algo que, aparentemente, passa despercebido; mas a verdade é que ao fim de 20 anos lembramo-nos de detalhes, gestos, expressões, vozes, movimentos dos nossos professores e daquilo que sentimos com eles.

Breves considerações finais

No âmbito desta temática, a dificuldade em desligar o que se percebe do que se sente confirma que a narrativa é uma forma única de aceder quer às percepções, quer aos sentimentos presentes na relação pedagógica. Realmente, não se trata de observar o comportamento não-verbal de um professor numa aula, mas antes de conhecer o que se sente com isso, o que só é possível através do relato das experiências. Neste sentido, a narrativa vem dar corpo à dimensão intangível dos afectos e surge como uma metodologia adequada para o estudo da imediação na relação pedagógica. A partir daqui, está aberto o caminho para outras subjectividades, que provavelmente trarão histórias que nos aproximam de um reconhecimento progressivo de formas de estar, sentir e de actuar na educação, com os outros e com o mundo.

Referências bibliográficas

Allen, Mike, Witt, Paul & Wheelless, Lawrence (2006). The role of teacher immediacy as a motivational factor in student learning: Using meta-analysis to test a causal model. *Communication Education*, 55(1), 21-31.

Clandinin, Jane & Connelly, Michael (2011). *Pesquisa narrativa, experiências e história na pesquisa qualitativa*. Minas Gerais: EDUFU.



- Damásio, António (2012). *Ao encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores.
- Fiske, John (2005). *Introdução ao estudo da comunicação* (9.^a ed.) Porto: ASA Editores.
- Freire, Paulo (1983). *Extensão ou comunicação?* (7.^a ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Goodboy, Alan; Weber, Keith & Bolkan, San (2009). The effects of nonverbal and verbal immediacy on recall and multiple student learning indicators. *Journal of Classroom Interaction*, 44(1), 4-12.
- Hsu, Lisa (2010). The impact of perceived teachers nonverbal immediacy on student's motivation for learning English. *Asian EFL Journal*, 12(4), 188-204.
- Molina, Dolo (2011). Asumir la tensión entre lo social y lo humano al hacer historia de vida. In Fernando Hernández; Juana María Sancho & José Ignacio Rivas (Orgs.), *Historias de vida en educación: Biografías en contexto* (pp. 90-98). Barcelona: ESBRINA.
- Postic, Marcel (2008). *A relação pedagógica* (2.^a ed.) Lisboa: Padrões Culturais.
- Richmond Virginia (2002). Teacher nonverbal immediacy: Use and outcomes. In J. L. Chesebro & J. C. McCroskey (Eds.), *Communication for teachers* (pp. 65-82). Needham Height, USA: Allyn & Bacon.
- Sibii, Razvan (2010). Conceptualizing teacher immediacy through the 'companion' metaphor. *Teaching in Higher Education*, 15(5), 531-542.
- Stonkuvienè, Irena (2010). Communication as an essential element of pedagogical process. *TILTAI*, 4, 189-200.
- Titsworth, Scott, Quinlan, Margaret, & Mazer, Joseph (2010). Emotion in teaching and learning: Development and validation of the classroom emotions scale. *Communication Education*, 59(4), 431-452.
- Velez, Jonathan & Cano, Jamie (2008). The relationship between teacher immediacy and student motivation. *Journal of Agricultural Education*, 49(3), 76-86.
- Watzlawick, Paul; Helmick, Janet & Jackson, Don (2007). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interacção* (16.^a ed.) São Paulo: Editora Cultrix.

